

STATUS E O DESEJO DE INCLUSÃO

Dionei Mathias¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar a questão do status no romance *Die Ausgesperrten* (Os Excluídos), escrito por Elfriede Jelinek. Neste contexto, status é compreendido como condição para o pertencimento a determinado grupo que desfruta do reconhecimento social por deter determinado capital econômico, cultural ou social que o distingue de outros atores sociais. O foco da análise recairá sobre aquelas personagens que não pertencem ao grupo daqueles que constroem sua identidade no marco do status. Após uma reflexão inicial, o artigo se concentra nas formas de administrar o status do outro (ou a visão de fora), na percepção da elite pelo grupo excluído (ou imagens do lado de dentro) e, por fim, nas deformações no caminho pelo desejo do pertencimento. Tomadas pela inveja, as personagens de Jelinek não conseguem reconhecer outros caminhos que não sejam aqueles pautados pelo poder inerente ao status.

PALAVRAS-CHAVE: Elfriede Jelinek; *Die Ausgesperrten*; status.

ABSTRACT: This article aims to analyze the question of status in the novel *Die Ausgesperrten*, written by Elfriede Jelinek. In this context, status is understood as a condition to belong to a certain group which enjoys social recognition for having economic, cultural or social capital, distinguishing it from other social actors. The focus of this analysis is on those characters who do not belong to the group of those whose identities are based on status. After an initial reflection, this article brings into focus the ways the status of others is processed (from outside), the perception of the elite by the excluded group (images from inside) and, eventually, the deformations on the way for the desire to belong. Consumed by envy, Jelinek's characters do not succeed in identifying other ways which are not guided by the power inherent to status.

KEYWORDS: Elfriede Jelinek; *Die Ausgesperrten*; status.

Introdução

A distribuição social de signos de status acontece invariavelmente pelo princípio da comparação. Por meio do cotejo dos recursos materiais, físicos ou anímicos que compõem os diversos contextos de interação, o indivíduo se alinha na hierarquia instituída pelo respectivo espaço social no qual circula. A diferença que resulta desse confronto é a base para conferir ou demandar o reconhecimento de superioridade. Cada âmbito de interação segue sua própria lógica no que concerne à concessão de signos, ditando àqueles que queiram adentrar esse espaço as normas que regem seu comportamento.

Status implica, em particular, a concessão espontânea de reconhecimento e reputação, legitimando na interação social a hierarquia explícita ou implicitamente articulada. A espontaneidade, neste caso, encerra a aceitação das diferenças sociais, sem alimentar rancores perante a visão de superioridade alheia. Se a requisição ou a imposição de signos de status

¹ Doutor em Letras pela Universidade de Hamburgo e pela Universidade Federal do Paraná. Email: dioneimathias@gmail.com

não é acolhida, surgem os primeiros conflitos nos processos de interação. Os motivos para o rechaço podem ser diversos, frequentemente, porém provêm do sentimento de inveja. O desejo irrefreável de possuir os signos com os quais outros se adornam representa a razão pela qual muitos atores sociais se recusam a aceitá-los, negando ao outro, através de resistências, o espaço necessário para inseri-los em suas interações. No espaço literariamente construído, as interações encenadas, por vezes, concentram-se justamente na negociação de signos de status, sua atribuição solícita ou sua negação renitente. As teias hierárquicas em cujos laços os signos de status são distribuídos representam a base para compreender uma série de movimentos, formando uma lógica peculiar a ser descoberta.

O romance *Die Ausgesperrten*, "os excluídos", de Elfriede Jelinek é um texto que aborda, entre muitos outros temas, o encontro das diferentes classes sociais. Rainer Maria Witkowski e Anna Witkowski representam uma espécie de classe média fracassada, Hans Sepp, o proletariado, e Sophie Pachhofen, a elite austríaca. Em seu ensaio, Janz (1999, p. 74) caracteriza essa obra como um "romance de formação e desenvolvimento" às avessas, pois as personagens não aprendem nada. Nesse grupo extremamente discordante, as interações destoam ininterruptamente por residirem na inabilidade contínua por parte dos membros de sentirem ou mostrarem qualquer empatia com as necessidades dos outros. Assim, o que se desenrola são diálogos inconciliavelmente paralelos, unidos somente pela presença num mesmo espaço social. Essas conversas revelam uma série de informações sobre os impulsos emotivos das personagens que, em grande parte, giram em torno de desejos irrealizados e da articulação, por vezes, grotesca da inveja.

1. Anna: formas de administrar o status do outro (ou do lado de fora)

Ávidos, todos eles, por signos de status, sem, contudo, poder apropriar-se deles livremente, eles interagem de acordo com os elementos que circulam no espaço em que se movimentam, adaptando-os a suas histórias para que assim sejam narráveis conforme a lógica de suas identidades pessoais. Já de início, Anna tem a necessidade de expressar esse conflito pessoal:

Ela queria muito ter tido o que está por trás dessas vitrines, mas a mesada não é suficiente. Por isso, ela tem de ganhar um dinheiro extra, desse modo. Ela sempre se retorce de inveja, quando vê que uma colega de aula usando um traje novo com uma blusa branca ou sapatos de salto alto. Mas o que ela

diz sobre isso é: Eu tenho ânsias de vômito se eu vejo mocinhas tão arrumadas. Essas aí com seus trapos idiotas, elas são superficiais e não têm nada no cérebro. Ela, por sua vez, usa somente calças jeans sujas e suéteres masculinos muito grandes para que sua atitude interior tenha uma expressão exterior (JELINEK, 2004, p. 10, todas as traduções são do autor deste artigo).²

Ela reconhece a importância da indumentária disposta na vitrine como instrumento eficaz para imposição e apropriação de status, ao mesmo tempo, se dá conta de suas limitações financeiras para a aquisição do objeto cobiçado. A percepção do status alheio e a constatação da própria restrição são o resultado de um processo de comparação em que tenta situar-se no espaço social, um espaço no qual gostaria de impor sua narração pessoal sem questionamentos. O que Anna obviamente cobiça é a superioridade absoluta reconhecida e imposta por meio de diversos mecanismos de status. Extremamente limitada no que concerne a suas possibilidades de encenação e pouco inclinada a aceitar os signos postos em circulação pelos outros integrantes daquele espaço, não lhe resta outro comportamento senão invejar os objetos inalcançáveis, tornando-se presa de um "universo simbólico" (SCHMID, 1990, p. 54).

Essa inveja, de acordo com sua narração pessoal, não pode ser exposta dessa maneira, pois significaria, de fato, aceitar os signos do status alheio e, o que é pior, admitir sua própria inferioridade no palco social. Por conseguinte, segue o caminho contrário, encenando um descaso completo no que se refere às vestimentas e expressando sua repugnância para com todos aqueles que têm a possibilidade de portar os adereços que ela não possui. Para legitimar sua narração, portanto, recorre às dicotomias "profundo-superficial", "inteligente-insipiente", "admirável-desprezível". Essa narração alternativa, corroborada com os adereços exteriores, lhe abre caminhos para circular no mesmo espaço social, questionando o status atribuído e impondo um discurso paralelo, muito embora interiormente quisesse justamente aqueles signos aos quais abertamente declara guerra. Anna encontra uma estratégia para impor-se no espaço social, reprimindo, sem muito êxito, seus indícios de inveja. A presença do grotesco serve de alerta: ela "se retorce" com movimentos disformes, tem "ânsias de vômito" e é "suja", suscitando ideias do nauseabundo. Ele indica a labilidade do nexos de causalidade que

² "Was hinter diesen Scheiben ist, hätte sie wahnsinnig gern gehabt, das Taschengeld reicht aber nicht. Deswegen muß man sich auf diese Weise etwas dazuverdienen. Sie windet sich immer vor Neid, wenn sie sieht, eine Schulkollegin hat ein neues Kostüm mit einer weißen Bluse an oder neue Stöckelschuhe. Was sie aber dazu sagt, ist: Ich muß gleich brechen, wenn ich so aufgetakelte Mädis sehe. Die mit ihren blöden Fetzen, sie sind oberflächlich und haben nichts im Gehirn. Sie dagegen trägt nur dreckige Jeans und viel zu große Männerpullover, damit ihre innerliche Haltung einen äußeren Ausdruck hat" (JELINEK, 2004, p. 10).

ameaça romper-se a cada momento.

Nisso, o contexto cultural, obviamente, tem um papel fundamental, pois proporciona todo um aparato no qual a exibição, negociação e instituição de status são possíveis. Isso também significa que o âmbito cultural definirá a propriedade de ações e reações perante expressões de poder. A produção de emoções, por conseguinte, não é algo automatizado e válido para qualquer situação, mas é tributária de convenções de poder institucionalizadas num espaço sociocultural. Consequentemente, técnicas, símbolos, cerimônias ou também as maneiras de empregar signos são relativos, mesmo nos limites de uma comunidade cultural, forçando o indivíduo a aprender e internalizar essa herança simbólica de maneira a que possa agir adequadamente dentro das malhas significativas (KEMPER, 1981, p. 355).

O caminho da repressão tomado pela protagonista Anna não a ajuda a dar conta dos sentimentos que experimenta, ou seja, não é suficiente para não influir decisivamente em suas interações. Esse conflito interior irresoluto deixa medrar um desprezo por tudo e todos aqueles que têm oportunidades melhores que as suas e a leva a expressar esse excesso de energia negativa através de agressões, desfazendo supostos sinais de beleza, arruinando objetos alheios e infligindo ininterruptamente dor e sofrimento. Concentrada na superioridade material alheia e acuada pela sensação insuportável de impotência, ela se retrai, somente para atacar com uma violência animalesca desmesurada. A despeito de sua convicção de ter um discernimento que ultrapasse em muito as habilidades das pessoas que a circundam, ela não logra controlar a intensidade destrutiva de sua inveja. Escrava desse sentimento e completamente cega, Anna automaticamente se fecha para todos os outros elementos que a envolvem e que apresentam um potencial positivo.

A criação de uma identidade social implica um árduo trabalho de administração de signos, cuja conquista e imposição não se alcançam de um dia para o outro. Aqueles que detêm status e, com isso, poder empregam diferentes mecanismos primeiramente para adquiri-los e, mais tarde, para mantê-los. Nesse contexto, a humilhação é um dos instrumentos mais eficazes, pois regula o processo de inclusão e exclusão e serve como meio de punição daqueles que não se atêm às regras do jogo de poder (FLAM, 2002, p. 166). Ou seja, a dinâmica que ocorre no processo de produção de emoções, que mais formam a autoimagem do sujeito, é dirigida pelos signos empregados na troca de poder e de status. Esse material emotivo origina-se, dentre outros aspectos, dessa dinâmica assimétrica, ao mesmo

tempo, porém, pode servir de instrumento para manipular as interações sociais, produzindo novos signos e fixando aqueles já estabelecidos.

Anna é vítima de violência e de humilhação, mas também se utiliza de estratégias violentas e humilhantes, a fim de obter signos de status. Ela produz e, ao mesmo tempo, é depositária de emoções negativas. O que a caracteriza, contudo, é sua incapacidade de divisar outras estratégias existenciais que não sejam aquelas pautadas pelo princípio de status e poder. Obviamente essa limitação de percepção acaba revelando-se como um de seus maiores obstáculos. Não tendo a capacidade de desbravar o meio social com uma atitude positiva e socialmente construtiva, ela minimiza drasticamente seu escopo de ação e desenvolvimento, sentenciando a si mesma a uma percepção unilateral. Esse determinismo emotivo a impede de enxergar o mundo com uma atitude afirmadora, embaraçando a infinitude de interpretações positivas igualmente possíveis em todos os contextos que a impelem à inveja.

Para escapar dessa lógica avassaladora, ela teria de criar valores internos, como indica a voz narrativa: "Mas Anna de qualquer modo quase não tem acesso às coisas belas que existem, porque é preciso comprá-las com dinheiro. Anna não sabe que um valor interno não é venal, infelizmente esse valor é, de fato, interno, e ninguém o vê. Anna também quer coisas externas, mas não o admite" (JELINEK, 2004, p. 11).³ Somente por meio da visibilidade é possível granjear o status cobiçado. Tão logo o conjunto de signos usado como base para a encenação social se torna invisível, seu valor de troca no mercado de vaidades perde seu poder aquisitivo. Logo, muito mais que os valores internos é o poder do dinheiro que controla não somente a distribuição e a imposição de signos de status, mas igualmente a formação de valores cujas diretrizes definem o comportamento e o conteúdo de experiências emocionais.

Sem sombra de dúvida, há nessa encenação, obviamente grotesca pelo exagero angustiante de emoções negativas, uma crítica aos valores que de fato importam num espaço social escravizado e completamente obcecado pelos princípios significativos do status. Incapaz de enxergar e libertar-se desses preceitos tacitamente aceitos por todas as camadas, Anna age como uma marionete, destruindo sua própria existência e infernizando a vida daqueles que a encontram, enquanto a sociedade, preocupada com a aquisição de seus signos de status, prefere calar-se. Anna, portanto, representa uma escrava dupla, pois é refém das

³ "Allerdings hat Anna ohnedies wenig Zugang zu den schönen Dingen, die es so gibt, weil man sie mit Geld kaufen muß. Anna weiß nicht, daß man einen inneren Wert nicht kaufen kann, leider ist dieser Wert eben innen, und keiner sieht ihn. Anna will auch Äußerliches, gibt es jedoch nicht zu" (JELINEK, 2004, p. 11).

imposições e da indiferença social, ao mesmo tempo presa de uma visão de mundo pouco diferenciada.

2. Sophie: a percepção da elite (ou do lado de dentro)

Ao contrário de Anna, sua colega Sophie apresenta uma aparência de perfeição imaculada, o que a ergue a uma esfera celestial. Anna, por sua vez, perseguida e atormentada por seu excesso de limitações, mal suporta a visão de sua rival, comparando-se continuamente e chegando sempre à intolerável conclusão de que a beleza de Sophie é imbatível:

Quando sai do banheiro fedorento e volta ao livre, a primeira coisa, Sophie – a avalanche - naturalmente logo passa por cima dela, branca como neve, e a enterra debaixo dela. Você passa na minha casa, à tarde? OK Sophie passa por ela, tocando-a delicadamente, e sai. Vai para onde está claro. Tão claro que Sophie já não se destaca, e desaparece sem deixar pistas (JELINEK, 2004, p. 24).⁴

Os contrastes mal poderiam ser maiores, a fetidez do banheiro, por um lado, o caráter inodoro da neve, por outro. Na visão de mundo de Anna, não há dúvidas que as duas se encontram em dois extremos, sendo impossível identificar qualquer elemento em comum. A metáfora da avalanche ilustra muito bem as sensações que Anna experimenta, quando os dois extremos se defrontam. Anna se enxerga como uma vítima incapaz de escapar ou mesmo reagir perante o excesso que desaba sobre ela, toda vez que interage com Sophie. Esse excesso de superioridade com o qual se vê confrontada não desencadeia de imediato a inveja como resultado da comparação, antes a paralisa completamente, pois não encontra nenhum ponto de apoio, em consonância com a metáfora, para enquadrar os acontecimentos que a surpreendem.

Sophie, por sua vez, é identificada como uma montanha de indiferença, portanto, desprovida de quaisquer emoções, corroborando seu caráter inabalável. A despeito de compará-la com uma avalanche, Anna não a vê como algo estrepitoso e colossal, antes como algo sumamente delicado, o que aumenta ainda mais a distância que as separa. Essa delicadeza é sublinhada pela imagem da luz na qual Sophie imerge sem que fosse possível diferenciá-la. Essa segunda metáfora novamente conota o poder que Sophie detém em

⁴ "Als Anna aus dem stinkenden Schulklo wieder ins Freie tritt, wischt natürlich gleich Sophie als erstes schneeweiß über sie drüber und begräbt sie unter sich. Sophie - die Lawine. Kommst am Nachmittag bei mir vorbei? OK.....Sophie tupft zart an ihr vorüber und nach draußen. Wo es hell ist. So hell, daß Sophie sich nicht mehr abheben und spurlos verschwindet" (JELINEK, 2004, p. 24).

adentrar a existência alheia, como a luz do sol, sem que os outros pudessem se esquivar dessa presença, dominando tudo e todos aqueles banhados por sua presença.

Embora esse jogo programado de comunicação social, no qual o uso inteligente de signos é indispensável para a conquista e a manutenção de status, implique certa coação, ele também permite criar e institucionalizar interações destituídas de violência, porquanto o uso da agressão não viabiliza automaticamente o acesso às fontes de poder e status. No círculo social de Sophie, a obtenção de poder e de status está ligada ao respeito e à admiração concedida pelos interlocutores, o que, por sua vez, dificilmente pode ser granjeado por meio de intimidação ou um uso descabido de força (TENHOUTEN, 2009, p. 174). As normas sociais, por conseguinte, canalizam energias emotivas não articuladas, regulando sua intensidade, mostrando possibilidades de expressão e protegendo o indivíduo contra ações arbitrárias. Isso permite, ao menos teoricamente, que todo indivíduo tenha uma chance concreta de alcançar seus objetivos num entorno social com regras rigorosas quanto à concessão de signos de status e poder.

Os signos de status conferidos pela aura da antagonista Sophie obviamente não estão vinculados somente a recursos materiais, mas sim a uma presença pessoal, em que não há necessidade de violência para a manutenção do status e do equilíbrio emocional. Sobretudo a ausência total de fraqueza humana e a imposição do corpo imaculado causam a inveja de Anna. Essa autonomia lhe garante uma liberdade de ação e de reconhecimento no espaço social, o que, a despeito de ter tentado repetidamente, Anna jamais logra obter. Para dar conta dessa frustração, Anna alimenta o desejo de macular sua rival e destituí-la de seu trono. Sem êxito, resta-lhe somente represar seu ímpeto de agressão e encenar seus signos de outra maneira.

Interessantemente, a metáfora da luz volta a ser empregada, desta vez, para caracterizar Anna e seu irmão. Enquanto Sophie adentra a luz sem medos ou meandros, os irmãos a evitam por haver uma falta total de identificação:

Eles se mantêm afastados, não porque temem a luz, mas porque a luz compreensivelmente os teme. No pátio da escola e na sala de aula. A alcateia sempre se junta pelos cantos, volteando sobre si mesma. Demonstra sua incontestada superioridade humana, o que os outros também gostariam de demonstrar, mas no caso deles alcança-se somente a inferioridade humana, que tem de existir para que um mérito humanamente superior se destaque

(JELINEK, 2004, p. 51).⁵

Cientes de que não podem alcançar a intensidade de presença pessoal incorporada por Sophie, comparável à irradiação da luz, eles preferem tomar o caminho oposto, para poderem destacar-se de alguma maneira e, eventualmente, granjear signos de status. Sua linha de autorrepresentação segue a necessidade de impor sua superioridade, logo, sua argumentação contém o entendimento de que a própria luz, pálida perante suas presenças, prefere evitá-los de maneira que não se perceba sua necessidade de curvar-se diante dos irmãos. Para corroborar essa imagem com ainda mais intensidade, expressam sua autopercepção de outro modo, nomeadamente pela ideia da alcateia. Novamente o conceito de superioridade e distinguibilidade está no centro de sua encenação. Para garantir sua superioridade e seu status, atentam em não se imiscuir nem com a luz e muito menos com outros membros de seu entorno social, assegurando assim sua singularidade no espaço de comunicação.

Portanto, para conviver com sua inveja, ocasionada por signos inadquiríveis, desenvolvem todo um discurso paralelo, construindo uma lógica própria inconciliável com os signos em circulação. Por meio do isolamento do grupo e sua encenação de singularidade, pretendem criar uma narração de realidade que lhes possibilite impor aos outros sua suposta superioridade social para conseguintemente apreender possíveis signos de status. Logo, o espaço social se transforma num palco, e a fala, num instrumento para influenciar e dirigir a distribuição de reconhecimento. Sendo o discurso oficial desfavorável, resta aos irmãos criarem sua própria narração para sublimar o sentimento de inveja.

Além da beleza e dos recursos indumentários, também o pertencimento a uma camada social produz signos de status e causa a inveja. Presos à classe média fracassada de seus pais, anseiam desesperadamente por fazer parte da classe alta vienense para, com o mesmo poder aquisitivo, imporem seus caprichos, sem terem de temer uma retaliação por parte dos colegas. Ao mesmo tempo, desprezam todos aqueles que se encontram um nível abaixo do seu ou que não têm seu nível de conhecimento cultural, usando-os como instrumentos para reclamar sua superioridade. Portanto, o palco da ação ficcional se transforma num meio em que a quantidade de dinheiro e de conhecimento gera novos espaços de interação e encenação.

⁵ "Sie halten sich abseits, nicht weil sie das Licht scheuen, sondern weil das Licht begreiflicherweise sie scheut. Im Schulhof und in der Klasse. Das Wolfsrudel scharft sich stets in Ecken umeinander. Es demonstriert unangefochtenes Übermenschentum, was auch die anderen gern demonstrieren würden, bei denen langt es jedoch nur zum Untermenschentum, das es geben muß, damit eine übermenschliche Leistung sich abhebt" (JELINEK, 2004, p. 51).

Dependendo da quantidade de recursos e dos espaços em que aqueles são empregados, diferentes signos de status podem ser encenados e legitimados. Ou seja, possuir o signo e querer lançar mão dele implica que o sujeito se encontre num determinado espaço em que sua aplicação já esteja legitimada.

Rainer e Anna têm um sentido muito aguçado para esse tipo de narração, pressentindo a dinâmica encoberta nas ações ainda antes de serem reveladas. Rainer já percebe em sua infância, na igreja, que a lógica entretecida nas ações daqueles que o rodeiam passa por meandros que transcendem o explicitamente expresso: "Os companheiros acólitos ricos nunca recebiam bofetadas, o que naturalmente logo foi percebido pelo esperto Rainer, esse tipo de coisas ele sempre percebe, em vez de aprofundar-se com uma intensidade ainda maior nas orações e descuidar do mundo que o circunda" (JELINEK, 2004, p. 178).⁶ Nesse espaço, o poder do pertencimento social gera signos de status não planejados, pois a situação financeira desencadeia nos circunstantes a necessidade de agir de um modo diferente. A deferência concedida representantes da igreja àqueles que possuem certo poder, mesmo que não desejada ou imposta, acaba produzindo teias de significados inalcançáveis aos que estão desprovidos do respectivo poder. A tentativa, mesmo que humilde e taciturna, de impor signos de status não legitimados pelo poder do dinheiro ou do pertencimento social implica punições. Por conseguinte, Rainer tem de aceitar as bofetadas e, juntamente com elas, o status que elas conferem aos que não recebem pancadas, protegidos por sua procedência social.

3. Deformações no caminho ao pertencimento

Rainer e Anna exercitam o olhar oblíquo da inveja ininterruptamente, atentando à distribuição de signos. O fato de terem uma percepção tão aguçada para o posicionamento hierárquico gerado pelos sentidos em circulação prova que estão sempre à espreita, interpretando as interações e se recolocando no mapa da influência, para anteverem em que medida lhes é possível granjear a admiração alheia. Perante o fato de raramente poderem referir narrações que os deixem numa situação avantajada e terem, portanto, que aceitar os signos alheios sem interposições causa uma frustração demasiado grande, que tem de ser

⁶ "Die reichen Mitministranten haben niemals Ohrfeigen erhalten, was dem aufgeweckten Rainer natürlich gleich aufgefallen ist, solche Sachen fallen ihm immer auf, anstatt daß er sich um so heftiger ins Gebet versenkt und die Umwelt außer acht läßt" (JELINEK, 2004, p. 178).

convertida em ações.

Cada indivíduo mantém relações com inúmeros contextos e pessoas, acionando e inserindo diversos signos emocionais no processo comunicacional. Diante da constituição idiossincrática de cada pessoa, é quase inelutável que surjam conflitos nessa troca e negociação de signos. Para que essas relações intersubjetivas funcionem com um mínimo possível de conflitos, a previsibilidade da comunicação é uma condição essencial. O resultado desse processo é um autocontrole cada vez maior para antecipar as reações alheias, mas também para dirigir as próprias emoções a fim de alcançar os objetivos estipulados (SCHERKE, 2009, p. 29). Com o aumento da complexidade nas diferentes camadas de status, faz-se necessário racionalizar cada vez mais as emoções, para conhecê-las e melhor transformá-las em instrumentos de ação (THOITS, 2004, p. 371).

Essa administração de emoções na lógica do status já se revela muito cedo no processo de formação dos irmãos Anna e Rainer. Já na infância, a conversão da inveja se mostra como um exercício praticado, quando as crianças, confrontadas com membros de classes sociais inferiores, segundo sua perspectiva, tentam reverter a situação negativa na qual se encontram, para, nesse novo modelo de interação, imporem sua suposta primazia.

Ainda assim as crianças Rainer e Aninha jubilam intensamente, com o veneno dos carros que passam voando já nos corações e nos cérebros. Não porque o meio-ambiente está sendo empestado, que de qualquer modo ainda continua arruinado por causa da guerra, mas sim porque falta o capital para a compra de um carro. Ora a Aninha, como ela se rola nos excrementos dos cachorros e no papel do lixo para chamar a atenção para suas consideráveis aflições anímicas. Uma aflição anímica é um luxo e permanece despercebida. Ela quer estar sozinha num automóvel e não com muitos, ainda menos com a família, num bonde de merda no qual todos são iguais e no qual não se pode representar qualquer coisa de especial. Num Mercedes ninguém poderia chegar e perguntar como o menininho ou a menininha se chama. Passar a mão na cabeça da gente, com mãos nas quais é possível ver que elas têm de pertencer ao gênero trabalhador. E não perceber que a criancinha acariciada já carrega o veneno do individualismo no coração. Disposta a injetá-lo (JELINEK, 2004, p. 47).⁷

⁷ "Hellauf jauchzen dennoch die Kinder Rainer und Anni, das Gift der vorbeizischenden Autos bereits im Herzen und Hirnen. Nicht weil eine Umwelt verspestet wird, die ohnedies noch vom Krieg her verunziert ist, sondern weil ein Kapital zum Autokauf fehlt. Dann die Anni, wie sie sich im Hundekot und Abfallpapierln wälzt, um auf ihre beträchtlichen seelischen Nöte aufmerksam zu machen. Eine seelische Not ist ein Luxus und wird unbeachtet gelassen. Sie will allein in einem schönen Pkw sein und nicht mit vielen, schon gar nicht samt Familie, in einer Scheiß-Straßenbahn, in der alle gleich sind, und in der man daher nichts Besonderes darstellen kann. In einem Mercedes könnte keiner mehr kommen und fragen, wie heißt denn das Buberl oder das Mäderl. Einem über den Kopf streicheln mit Händen, denen man ansieht, daß sie der Gattung Arbeiter angehören müssen. Und nicht merken, daß das getätschelte Kleinkind bereits das Gift des Individualismus im Herzen trägt. Bereit, es zu verspritzen" (JELINEK, 2004, p. 47).

A sensação de igualdade lhes é aterradora, pois não lhes permite sobressair-se de alguma maneira, tendo de admitir que não possuem signos para serem instrumentalizados no processo de interação. A metáfora do veneno com a qual o narrador caracteriza a conversão da inveja representa, de fato, um potencial de agressão acumulado pronto para ser despejado em qualquer pessoa que ouse imaginar-se à altura deles. Para dar conta dessa agressão e conviver com ela, procuram pessoas às quais possam direcionar seu desprezo, para de tal modo poder distinguir-se.

Obcecados pela inveja, os irmãos não se apercebem, ou pior, não se importam com outros acontecimentos sociais que não envolvam seu posicionamento na hierarquia do espaço. Assim, nem a poluição causada pelo aumento repentino de automóveis em decorrência da prosperidade pós-guerra, nem as implicações da guerra para a sociedade austríaca e, muito menos, elementos básicos de civilidade alcançam alguma importância em suas reflexões acerca da realidade que os circunda, preferindo reduzir seu mundo à lógica grotesca distorcida da dicotomia "ter ou não ter".

"As aflições anímicas" que atormentam Anna não são insignificantes. O fato de entreter-se com dejetos animais e sociais indica que existe um excesso de informação que ela vem acumulando ao longo de sua história e do qual ela obviamente não dá conta. O resultado de sua inveja indigesta se revela numa série de movimentos que tentam exteriorizar aquilo que animicamente não foi processado adequadamente. Sem ajuda por parte da família e encurralada pela lógica do individualismo presente na sociedade em que circula, Anna é vilã, mas também é vítima da tirania do status e de sua incapacidade de administrar a inveja que a impele a comparar-se ininterruptamente, negando qualquer tipo de trégua a si mesma.

Anna alcança o cume da tragicidade quando descobre que Sophie, a despeito de todos os recursos de que já dispõe, irá receber a bolsa para estudar no exterior. Ela vinha sonhando com esse subsídio para finalmente escapar do ambiente sufocante engendrado pelos pais, pela escola e pela sociedade austríaca, mas, sem o auxílio, ela tem de abdicar de todos os sonhos de recomeçar sua história e, com isso, a chance de inserir novos modelos de interação em seu mundo. Diante da notícia, Anna permanece afásica:

Ela emudece horrorizada, de qualquer modo, um velho e querido costume dela, e até mesmo Rainer desacelera e pergunta se Anna pode ficar com a bolsa, se Sophie for renunciar a ela de qualquer jeito. Sophie diz que não, ela também já havia perguntado isso, mas neste ano não vão preencher a vaga, já que ninguém é digno dela. Rainer diz que é uma pena pela boa bolsa. Mas o

que ele realmente pensa é: graças a Deus que Sophie não vai embora, assim continuamos um par e podemos começar a faculdade juntos.

Nos olhos brancos de Anna habita a morte, eles ficam completamente diáfanos, e frio irradia de seu fundo como oxigênio líquido. Ela deixa cair-se, nenhuma beleza paisagística logra alcançar suas pupilas. A informação derrubou a Anna, a saída sedutora para o exterior se esquivava definitivamente. Anna bate com seu punho na sua testa, mas não há nada que saia nem algo que entre (JELINEK, 2004, p. 236).⁸

Com essa informação, as “aflições anímicas”, que antes somente a atormentavam, agora tomam conta dela de tal forma que já não tem mais a capacidade de controlar e ordenar a realidade na qual se encontra. Enquanto o sentimento de inveja quase sempre implica a sensação de injustiça perante o fato de que outros possuem objetos, habilidades ou signos de status cobiçados pelo sujeito, neste caso, Anna já não experimenta a sensação de injustiça, porquanto o choque de realidade é tamanho que não consegue mais raciocinar dentro dos parâmetros da inveja. Incapaz de idear histórias para, de alguma maneira, encontrar uma lógica que explique os acontecimentos e que condiga com sua realidade, ela é confrontada com todo o rigor da arbitrariedade, da contingência e do vazio.

A inveja, no contexto de seu desespero, implicaria estrutura, uma teleologia, uma concatenação de causa e efeito. Assim, com a sensação avassaladora de impotência, ela se encontra sozinha com emoções destituídas de qualquer finalidade, portanto, com algo completamente novo. Afeita a suas narrativas baseadas na inveja e legitimadas por conceitos indiferenciados de justiça, Anna precisaria, neste momento, de novos modelos narrativos dos quais, no entanto, não dispõe. Com a neutralização instantânea da lógica da inveja e da gramática do status, ela se mostra incapaz de agir apropriadamente e apreender sentido da realidade que a circunda, patenteando não somente uma debilidade social, mas sobretudo uma fragilidade pessoal. Esse impasse anímico absoluto, traduzido corporeamente pela sensação de impotência, a paralisa completamente, transformando-a numa morta-viva. Pela primeira vez, ela não lança mão de uma narração alternativa para explicar os acontecimentos e relocá-

⁸ "Diese stummt entsetzt, ohnehin eine liebe alte Gewohnheit von ihr, und selbst Rainer schaltet einen Gang zurück und fragt, ob Anna nicht, wenn Sophie ohnedies verzichtet, das Stipendium nicht haben kann. Sophie sagt nein, das hat sie auch gefragt, aber sie lassen es heuer verfallen, da keiner würdig ist. Rainer sagt, es ist schade um das schöne Stipendium. Was er aber in Wirklichkeit denkt, ist, Gott sei Dank, daß Sophie nicht wegfährt, so bleiben wir ein Paar und können gemeinsam ein Studium aufnehmen. In Annas weißen Augen haust der Tod, sie werden vollständig durchsichtig, und Kälte strömt aus ihrem Grund hervor wie flüssiger Sauerstoff. Sie läßt sich zurücksinken, keine landschaftliche Schönheit vermag mehr bis zu ihre Pupille zu gelangen. Die Information hat Anna totgeschlagen, der lockende Ausweg ins Ausland entzieht sich endgültig. Anna schlägt sich mit der Faust gegen die Stirn, doch nicht kommt heraus, und nichts geht hinein" (JELINEK, 2004, p. 236).

la numa posição agradável.

Considerações finais

A lógica do status está estreitamente ligada à gramática da inveja. A falta do elemento invejado impele as personagens a atitudes agressivas em relação às figuras que possuem o objeto cobiçado e as força a criarem narrativas alternativas para, de alguma forma, manter sua posição ativa a despeito da evidente carência. Isso se mostra no contexto das vestimentas, mas também no que concerne à beleza e ao pertencimento a uma classe social superior. A realidade que circunda as figuras envolvidas é reinterpretada e adaptada à narração que melhor lhes convém, utilizando uma argumentação pseudo-intelectual cujo centro gira em torno de superficialidade, afetação e, sobretudo, injustiça. A inveja ocasionada pela distribuição desigual de signos de status acaba sendo desmascarada como o princípio motor da interpretação da realidade.

Essa interpretação extremamente parcial obviamente reduz a tudo e a todos a um objeto de encenação social completamente desprovido de qualquer reflexão que transcenda o preceito inexorável da posse, um preceito que divide indivíduos em dois grupos, sem quaisquer matizes diferenciais, nomeadamente naqueles que possuem signos de status e naqueles que carecem deles. Regidos por esse pensamento, essas figuras não têm qualquer interesse em justiça social ou, ao menos, numa distribuição equilibrada de recursos, pois isso implicaria que teriam que se igualar a grupos com os quais não têm qualquer identificação. O individualismo exacerbado acaba tornando-se num instrumento para aplacar a necessidade de sobressair-se e esquivar-se, ao máximo, do princípio de igualdade, transformando-se, com isso, numa base para a construção de identidade.

Ao mesmo tempo, esse modelo de interpretação de realidade produz uma cegueira, já que não permite mais às personagens reconhecerem outras interpretações igualmente possíveis. A redução da realidade ao princípio do status e, com ele, da inveja produz marionetes indiferentes para com os destinos alheios, regidas por um determinismo emotivo que corrói a solidez social e destrói a complexidade anímica individual. Dominadas por esse princípio de interpretação de realidade e comportamento social, essas figuras acabam perdendo toda sua estabilidade anímica no momento em que sua lógica as arremessa num

impasse.

A gramática monetária, a lógica da venalidade e a supremacia da posse produzem um individualismo exacerbado que, para dar conta da impotência de ser eternamente primeiro, recorre a narrativas alternativas para sublimar a inveja. Vítimas de um determinismo emocional incontrolável, essas figuras se mostram incapazes de reconhecer, ao menos parcialmente, a complexidade da realidade, reduzindo-a a um segmento ínfimo motivado pela inveja. Sua construção de sentido existencial, por conseguinte, também se limita a enxergar somente sua posição na escala hierárquica, transformando em instrumentos a todos aqueles que possam eventualmente servir para os fins de sua cobiça. Ensaios de libertação são imediatamente sufocados pelo grupo, que vislumbra em configurações alternativas a necessidade de repensar sua própria posição.

A atenção pormenorizada dedicada por parte das figuras aos objetos da inveja está ancorada na caracterização exagerada e grotesca dessas personagens. Essa encenação figural obviamente contém uma crítica mordaz a uma sociedade manipulada por valores centrados no fetiche do objeto. A autora, no entanto, não auxilia o leitor a encontrá-la; ela o força a refletir sobre os acontecimentos narrados e chegar a uma conclusão própria. Assim, o narrador raramente articula uma opinião direta sobre as ações das figuras; o que predomina é a encenação de comportamentos, comportamentos pautados pelo exagero de mesquinhez, o que poderia muito bem suscitar a hilaridade no leitor, se este depreendesse desse teatro de marionetes somente uma comédia de costumes. Se os protagonistas, no entanto, são encenações da vida ou reflexos de uma realidade extraficcional, o que se nos mostra é uma tragédia da cegueira.

A incapacidade de enxergar outras possibilidades de construção e narração existenciais que não estejam arraigadas na lógica do objeto empobrece seu acesso à realidade de tal forma que o que aos protagonistas resta é uma perseguição quase doentia de seus anseios de posse. A falta de discernimento das próprias motivações, dos ímpetos viscerais, da necessidade ininterrupta de legitimar sua narração pessoal de acordo com padrões impostos pela sociedade, os impedem de ouvir a própria voz e, por conseguinte, de distanciar-se criticamente do comportamento atual para confrontá-lo com outros modelos de vida, com outras visões de mundo. O que resta são, de fato, escravos de emoções que agem e reagem em consonância com seus latejos irracionais.

REFERÊNCIAS

- FLAM, Helena. *Soziologie der Emotionen*. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft; 2002.
- JANZ, Marlies. Mythendestruktion und 'Wissen'. Aspekte der Intertextualität in Elfriede Jelineks Roman 'Die Ausgesperrten'. In: *Text + Kritik: Zeitschrift für Literatur*, N° 117, 1999, p. 39-50.
- JELINEK, Elfriede. *Die Ausgesperrten*. Hamburg bei Reinbek: Rowohlt, 2004.
- KEMPER, Theodore D. Social constructionist and positivist approaches to the sociology of emotions. In: *American Journal of Sociology*, N° 87, 1981, p. 336-362.
- SCHERKE, Katharina. *Emotionen als Forschungsgegenstand der deutschsprachigen Soziologie*. Wiesbaden: VS Verlag, 2009.
- SCHMID, Georg. Die Schwerverbrechen der Fünfzigerjahre. In: GÜRTLER, Christa (Org.). *Gegen den schönen Schein. Texte zu Elfriede Jelinek*. Frankfurt am Main: Neue Kritik, 1990, p. 44-55.
- TENHOUTEN, Warren D. *A General Theory of Emotions and Social Life*. London/New York: Routledge, 2009.
- THOITS, Peggy A. Emotion norms, emotion work and social order. In: MANSTEAD, A.S.; FRIJDA, N.H.; FISCHER, A. (Orgs.). *Feelings and emotion*. New York: Oxford University Press, 2004, p. 359-378.

Artigo recebido em janeiro de 2017.

Artigo aceito em abril de 2017.